

## Tornar-nos-á a COVID-19 mais verdes?

O título deste artigo não é uma anedota sem graça sobre os possíveis efeitos secundários das vacinas que começaram já a ser administradas e que nos permitem sonhar com o controlo definitivo da pandemia. O título questiona se a pandemia intensificará a luta contra as alterações climáticas. Por várias razões, é provável que assim o seja.

Em primeiro lugar, a COVID-19 tornou patente que as forças da natureza podem ser devastadoras. Constatámos como eventos que parecem remotos têm um custo enorme quando se materializam. É então quando olhamos para trás e nos questionamos sobre o que poderíamos ter feito para diminuir esses riscos que eram entendidos por muitos, provavelmente a maioria, como algo distante. Neste sentido, a pandemia deverá contribuir para uma maior sensibilização sobre este género de riscos.

Depois do desastre da COVID-19, é necessário reavaliarmos o catálogo de riscos com os quais nos enfrentamos. Quem não tinha o risco das alterações climáticas nesta lista, é provável que o tenha colocado. E quem o tinha, pode tê-lo colocado como o primeiro da lista. Tendo ficado agora claro que não investíamos o suficiente na prevenção de epidemias e no sistema de saúde em geral, é o momento de nos perguntarmos se estamos a fazer o suficiente na luta contra as alterações climáticas.

A pandemia também deixou claro que, com as estruturas produtivas e os padrões de consumo atual, a redução de emissões necessárias para travar o aquecimento global terá um elevadíssimo custo em termos de atividade económica. Estima-se que as emissões globais de gases de efeito de estufa tenham descido mais de 5% em 2020, uma redução que se deverá repetir ano após ano durante muito tempo para atingir os objetivos do Acordo de Paris e limitar a 2 °C o aumento da temperatura global. Já que não o iremos fazer se tivermos que sacrificar a atividade económica como em 2020, ficou patente que é necessário investir na transformação das nossas estruturas produtivas e promover padrões de consumo menos poluentes.

Por sua vez, os planos de recuperação económica para superar a crise provocada pela pandemia fornecerão uma enorme quantidade de recursos para a luta contra as alterações climáticas e isto, se for efetivamente feito, aumentará ainda mais o apoio social perante este desafio. Não deixa de ser paradoxal que os governos estejam dispostos a dedicar mais recursos a esta prioridade num momento em que as suas contas ficaram tão devastadas pela pandemia, mas ninguém duvida que o momento atual exige um importante impulso fiscal para relançar a economia.

Determinados a fazê-lo, por que não dedicá-lo a facilitar a transição para uma economia com menos emissões? Uma abordagem «investidora» na luta contra o aquecimento global tem mais probabilidades de sucesso que uma abordagem que dá prioridade a impostos e restrições a determinadas atividades, visto ser muito mais sustentável politicamente. Já vimos o que aconteceu em França com os coletes amarelos em 2018, quando Macron teve que recuar no aumento dos impostos sobre os combustíveis. As cenouras são mais eficazes que as penalizações e os planos de recuperação são um campo de cenouras.

Mais adiante, quando chegar o momento de abordar o ajustamento das contas públicas, as medidas tomadas poderão também ter uma tendência verde. Não há dúvidas que em muitos países será necessário aumentar as receitas fiscais para ajustar os elevados défices públicos e para reduzir a dívida. Perante a decisão sobre que impostos aumentar, os impostos sobre as emissões de gases de efeito de estufa serão um candidato óbvio.

Muitas vezes caracterizámos a pandemia como um acelerador de tendências. Assim aconteceu claramente no mundo digital onde, por necessidade, aprendemos a teletrabalhar, a comprar e a vender mais *online*, a praticar a telemedicina ou a fazer as nossas mesas redondas virtuais. Agora que vislumbramos o fim da COVID-19, é hora de acelerar a luta contra as alterações climáticas, visto estarmos mais sensibilizados que é uma luta imprescindível e, além disso, porque ela ajudará a impulsionar a recuperação.